



## PREFÁCIO

Ives Gandra da Silva Martins

**A**inda no século passado, escrevi artigo para *O Estado de S. Paulo* intitulado “O Pinochet de Cuba”, comentando que, apesar de não aprovar os crimes praticados por Pinochet, o ditador chileno matara muito menos que o genocida cubano, pois se atribuía a Fidel Castro o fuzilamento de 17 mil pessoas, muitas delas sem qualquer vestígio de julgamento, numa linha semelhante a Robespierre, que gerou o maior banho de sangue da história francesa, na denominada “era do terror e dos tribunais da plebe”.

Nos meus tempos de jovem advogado e democrata, nosso grupo chamava o genocida cubano de “Fidel *Paredón* Castro”, pela institucionalização, naquela ilha, dos fuzilamentos em paredões, sem qualquer tipo de julgamento, por mera suspeita.

A diferença entre Pinochet e Fidel é que o primeiro matou muito menos e fez o Chile progredir e Fidel assassinou mais e fez Cuba regredir. De quinta economia da América Latina, em 1958, como mostra Percival Puggina, o país regrediu de forma fantástica, tornando seu povo escravizado, atrasado, vivendo na miséria, sem liberdade, sem dignidade humana, em contínuo sobressalto para não ser condenado, por mera suspeita, pelo regime.

Quando escrevi para a *Folha de S. Paulo* o artigo “O Neoescravismo Cubano”, após ler o contrato entre uma agência de Cuba e o go-

verno de Dilma Rousseff para a vinda de médicos cubanos para trabalharem no Brasil, escandalizaram-me não só as cláusulas draconianas (3/4 da remuneração paga a título de salários, para o governo cubano, e 1/4 para os médicos), mas também a cláusula de que não poderiam receber no Brasil nenhuma visita fora do trabalho, sem autorização da autoridade cubana em terras brasileiras.

É incrível que o governo brasileiro de então – afinal afastado, fundamentalmente, pela brutal incompetência de gestão, que estava levando o Brasil a seguir os passos da Venezuela, com queda monumental do PIB, juros escorchantes e inflação de dois dígitos – tenha assinado um contrato tão profundamente contrário à Constituição brasileira, por admitir trabalho escravo.

Tais perfunctórias considerações eu as faço, após ler o excelente livro de Percival Puggina, acadêmico da internacionalmente conhecida Academia Riograndense de Letras, literato de escol, historiador de mérito, sociólogo e filósofo, sobre ser jornalista de renome além-fronteiras.

Seu diagnóstico sobre o povo e o regime da sofrida ilha caribenha, assim como o mito que se criou, na venda de ilusões, é perfeito.

Toda a esquerda tem sido, no mundo, uma mercadora de ilusões e aproveitadora do poder. Com as ilusões engana os povos, prometendo o que nunca conseguiu entregar, ou seja, dar prosperidade às nações e, como aproveitadora do poder, quando nele se enquista, vivem seus próceres, como senhores feudais à custa dos escravos da gleba que criam, negando-lhes o desenvolvimento.

Basta comparar: todos os países considerados “conservadores” estão entre os maiores PIBs do mundo (desenvolvidos e emergentes) e todos os denominados países “progressistas” estão chafurdando nas picilgas de seus regimes, gerando miséria, revolta, falta de liberdade e de alimentação, além de serem os verdadeiros exterminadores do futuro destas nações.

Basta olhar para a Venezuela, Nicarágua e Cuba e comparar tais países com os demais da América Latina para verificar como tais estados “progressistas” regrediram fantasticamente nas últimas décadas e como os países que se libertaram de tal tutela ideológica progrediram.

O livro de Percival Puggina é um esplêndido diagnóstico do que representa a tragédia cubana.

Como historiador, narra, com frieza, o que foi a história cubana desde a chegada de Colombo até a ditadura fidelista. Objetivo e claro, não deixa de criticar Batista, apesar de reconhecer que Cuba, economicamente, usufruía de um *status*, no concerto das Nações, que foi destruído pelos Castro.

Como filósofo da política, mostra todas as contradições do regime, que vive do *slogan* de exportação para os governos de esquerda do mundo inteiro, sustentado, no passado, pela Rússia e pela Venezuela, à época de Chávez, mas que não conseguiu implantar na antigamente próspera ilha, qualquer esperança de desenvolvimento econômico para as futuras gerações, sufocadas por uma cruel ditadura.

A filosofia do poder, como mostra Puggina, é viver de uma mentira repetida à exaustão, de que “há igualdade”, nada obstante a miséria, que, após o abandono da ilha pelos russos, levou a uma notória explosão da prostituição, para que as pessoas se pudessem alimentar um pouco melhor.

O interessante é que o mito do fracassado regime apaixonou intelectuais, que nunca compararam o fracasso da economia e do bem-estar de Cuba com os dos outros países emergentes e nem se debruçaram no aspecto politicamente mais estridente, de que Cuba foi e será uma ditadura, enquanto o mito fidelista permanecer. Quem se disser democrata e defender Cuba, de rigor, não é democrata.

Como jornalista, em suas visitas a Cuba, pôde verificar *in loco* o que é a tragédia cubana e o estado policial, sob censura e de miséria que vive a gente da ilha.

Por fim, como sociólogo, analisou tudo o que viu, nos defensores do “mito desfeito”, para mostrar que Cuba não é um projeto bem-sucedido de modelo político e social, porém o mais espetacular fracasso gerado por um projeto de busca de poder para instalação de uma ditadura sanguinária e permanente.

Li, de um fôlego só, todo o livro, aproveitando minhas férias de início de ano, e considero das mais perfeitas análises do desastre cubano feito por um mestre das letras, que é Percival Puggina.

John Rawls, ao falar da democracia, dizia que os democratas defendem teorias não abrangentes, pois, em matéria política, o pluralismo gera a divergência e o debate gera a convergência possível.

Os não democratas defendem “teorias abrangentes”, por se sentirem donos da verdade e não admitirem contestação. São os “borgs” (da saga de *Star Trek*), povo que os tripulantes da *Enterprise* conheceram e que, sempre que conquistavam outros povos, ou os assimilavam ou os eliminavam, pois não admitiam contestação.

O “mito falido” da Revolução Cubana pretendeu imitar os borgs ou as ditaduras permanentes, mas não conseguiu vencer a própria evolução da humanidade, os meios de comunicação e a descoberta de que todas as tiranias estão destinadas a um fim, quase sempre dramático.

Roberto Campos, no meu livro *Desenvolvimento Econômico e Segurança Nacional – Teoria do Limite Crítico*, terminou seu prefácio, ao analisar minha teoria sobre o impacto das despesas militares nos orçamentos públicos, dizendo que a melhor forma de evitar-se a fatalidade é conhecer os fatos.

O livro de Percival Puggina permite que estes fatos sejam conhecidos, para mostrar que gerações e gerações sofreram e sofrem com a monumental ilusão da utopia cubana – que, na verdade, é uma tragédia – como bem demonstra este excelente trabalho.

Bem haja, a nova edição.  
São Paulo, janeiro de 2019